

Ano de aceleração nacional e internacional



AGOSTINHO PEREIRA
DE MIRANDA

Partner da Miranda & Associados

“Aceleração” é a palavra que me ocorre para descrever o que espero para 2018. Seja no plano internacional, seja no nacional, na política, como na economia, vamos assistir - creio - ao crescente aumento da velocidade a que os acontecimentos se sucedem. Há quem, ao estilo anglo-saxónico, lhe chame tipping points. Tudo indica que as condições estão a amadurecer para um salto qualitativo em várias frentes. No Médio Oriente, na Coreia, ou na Ucrânia, poderão ocorrer, já nos próximos doze meses, acontecimentos de impacte crítico nas diferentes relações de forças existentes, há décadas, nessas regiões. O mesmo pode suceder na Europa, onde a debilidade da situação política alemã parece levar a França a acreditar que chegou a hora de liderar o processo de integração continental. Ainda assim, a ordem política mundial vai continuar refém da situação interna nos EUA, onde as crescentes dificuldades do presidente Trump face à investigação do Special Counsel Robert Mueller podem conduzir a uma crise constitucional.

Ninguém sabe ao certo o que se vai passar no domínio da estabilidade económica e financeira globais. Os sinais deixados por 2017 são até encorajadores. Mas, também neste campo, o experimentalismo fiscal norte-americano vai testar, porventura já no próximo ano, a resistência do sistema financeiro internacional. Um eventual aumento drástico do défice poderia fazer disparar a inflação e repercutir-se negativamente sobre as taxas de câmbio e o valor dos ativos financeiros, designadamente na China. Num tal cenário a Europa não teria muitas defesas. E Portugal, nenhuma. O turismo, o imobiliário e uma parte significativa das nossas exportações estão pendurados na precária estabilidade do sistema financeiro internacional. Um pouco como a Geríngonça. Qualquer aceleração a desconjuntará. ●